

V SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA UPE
UPE CAMPUS MATA NORTE – PERNAMBUCO
11 a 13 de junho de 2025

Metodologias Ativas em Ação: Uma Intervenção Pedagógica com Rotação por Estações para Enfrentar Desafios no Ensino de Biomas Brasileiros

Silvyellen Bianca Sales Cavalcanti de Oliveira¹
Orientador Carlos André da Silva²
Orientador Ana Lúcia Cavalcanti Neto³

Resumo

Este relato descreve uma intervenção pedagógica realizada durante o estágio supervisionado II em uma turma de 7º ano do ensino fundamental de uma escola estadual na cidade de Carpina, Pernambuco. A experiência foi desenvolvida para enfrentar desafios como desinteresse dos alunos, agitação após o intervalo e dificuldades de inclusão de duas alunas autistas. A intervenção utilizou metodologias ativas, especificamente a rotação por estações, abordando o tema “Biomas Brasileiros e Responsabilidade Social”. Os objetivos principais foram promover a reflexão crítica sobre impactos ambientais, engajar alunos sem o devido interesse e garantir a inclusão efetiva de todos os alunos. A metodologia combinou recursos multimídia (vídeos, gráficos e reportagens) com atividades práticas (debates em grupo e produção de cartazes). Os resultados mostraram um aumento significativo na participação ativa, aproximadamente de 80% dos alunos, melhoria na interação entre os estudantes e inclusão bem sucedida das alunas autistas, que participaram das atividades com o apoio de uma auxiliar. Portanto as estratégias diversificadas, alinhadas à problematização de temas controversos, são eficazes para turmas desafiadoras, embora exijam ajustes no tempo e na organização.

Palavras-chave: Rotação por estações. Metodologias ativas. Biomas brasileiros.

¹Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte (UPE-CMN), Licencianda do Curso de Ciências Biológicas, silvyellen.sales@upe.br.

² EREF Lions Clube de Carpina, Docente da disciplina de Ciências, carlosasilva@hotmail.com.

³ Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte (UPE-CMN), Docente do Curso de Licenciatura Ciências Biológicas, analucia.neto@upe.br.

Introdução

O estágio supervisionado constitui um eixo fundamental na formação docente, pois possibilita a articulação entre os saberes teóricos e as demandas concretas da sala de aula (MAFUANI, 2011). Nesta perspectiva, a vivência da intervenção pedagógica aqui relatada foi desenvolvida em uma turma do 7º ano do ensino fundamental II da EREF Lions Clube de Carpina - Pe, esta foi caracterizada por três desafios principais.

O primeiro obstáculo encontrado durante o estágio, ainda na observação das aulas, era o desinteresse generalizado dos alunos, manifestado em baixa participação e conversas paralelas durante as aulas. O segundo desafio foi a agitação acentuada dos alunos, principalmente após o intervalo, visto que todas as aulas de ciências com a turma tinham o intervalo no meio, dificultando ainda mais a concentração dos alunos. E o terceiro e último obstáculo presente na turma, assim como na escola é a dificuldade de inclusão, na turma tem duas alunas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), elas não conseguiam acompanhar as dinâmicas tradicionais de ensino, além de não ter acompanhamento especializado em sala de aula.

Diante desse contexto, a intervenção pedagógica teve como objetivo central de variar as aulas convencionais, até então baseadas predominantemente em exposição oral e uso do livro didático, em experiências de aprendizagem ativas e significativas. Para tanto, adotou-se como estratégia a rotação por estações (TUCKER et. al., 2017), metodologia que se insere no âmbito de um ensino híbrido e das abordagens ativas (BACICH; MORAN, 2018). Essa escolha fundamentou-se em três pilares.

Trazer o engajamento dos alunos, superando a passividade mediante as atividades que favorecem a autonomia e participação ativa no processo de aprendizagem. A contextualização curricular, vinculando o conteúdo programático sobre biomas brasileiros a problemas socioambientais contemporâneos, como o desmatamento, queimadas, secas e expansão urbana, tornando o aprendizado mais relevante para a realidade dos estudantes (DINIZ, 2020). Por último criar condições

pedagógicas de inclusão educacional para que as alunas com TEA pudessem participar efetivamente das atividades, com os apoios necessários.

A opção pelo tema “Biomass Brasileiros e Responsabilidade Social” justifica-se por sua potencialidade para promover o pensamento crítico mediante debates sobre questões controversas (BENDITO, 2025). Desenvolver uma consciência socioambiental a partir de problemas reais, além de estabelecer interdisciplinaridade com geografia, história e atualidades. A intervenção pedagógica baseou-se diante de uma pergunta norteadora: *“A sociedade é responsável pela destruição dos nossos biomass?”* orientou todo o desenvolvimento da mediação em sala de aula, servindo como fio condutor para atividades nas estações e para a produção final dos cartazes. Essa abordagem problematizadora alinha-se às premissas da pedagogia crítica (HOOKS, 2017), que defende uma educação comprometida com a transformação social.

Metodologia

A intervenção pedagógica foi desenvolvida com base em metodologias ativas, especificamente a rotação por estações, uma estratégia de ensino híbrido que combina momentos presenciais e recursos digitais (TUCKER et. al., 2017). A escolha metodológica fundamentou-se na necessidade de superar os desafios identificados na turma: desinteresse, dispersão e dificuldades de inclusão, as adaptações para inclusão das alunas consistiu em ter o apoio da auxiliar de sala para acompanhamento em todas as estações e flexibilização do tempo, para a devida adaptação do ritmo das atividades. A intervenção foi realizada em uma escola situada na cidade de Carpina-Pe, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental, com aproximadamente 40 alunos, com dois casos de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os procedimentos adotados para intervenção foram aplicados em duas etapas, desenvolvidas em duas aulas de 50 minutos cada. A seleção de recursos para aplicação consistiu em separar vídeos curtos sobre o desmatamento na Amazônia, buscar dados estatísticos e reportagens sobre queimadas na Mata Atlântica e Caatinga, todo esse material foi impresso para

análise dos alunos, para posteriormente ser colocado em uma ficha avaliativa, além de recursos visuais como cartolina, canetas coloridas e imagens para recorte e produção de cartazes. A intervenção baseou-se em obras de referência para metodologias ativas (BACICH; MORAN, 2018), ensino híbrido de (TUCKER et. al.; 2017) e pedagogia crítica (HOOKS, 2017).

Análise e discussão

Os critérios de análise adotados avaliaram a compreensão conceitual, verificada por meio das respostas das fichas respondidas, por cada grupo, diante das problemáticas levantadas na rotação por estações. A qualidade das produções dos alunos, como os cartazes, que foram feitos pelos grupos após a finalização da primeira etapa, a rotação das estações. O último critério analisado foi o impacto da conscientização socioambiental a partir dos problemas reais, mensurado pela evolução das percepções dos estudantes antes e depois da intervenção, com base nas discussões e indagações realizadas durante a mediação pedagógica.

Essa abordagem da intervenção pedagógica foi avaliada com base nos critérios qualitativos e quantitativos, articulando os dados divididos em três eixos principais no qual permitiu correlacionar os resultados obtidos com os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa, articulando dados quali-quantitativo para uma avaliação abrangente da intervenção pedagógica. Os registros fotográficos, transcrições de falas dos alunos participantes e tabelas comparativas, apresentadas a seguir, corroboram essa análise multidimensional.

A participação ativa foi mensurada por meio da observação das fichas respondidas nas estações, como podemos observar na tabela 1. O aumento da participação, de 30% para 80% confirma a eficácia das metodologias ativas para turmas desinteressadas, conforme apontado por Bacich e Moran (2018). A diversificação de recursos, como vídeos, debates, atividades manuais, reduziu a dispersão, mantendo os alunos focados por mais tempo. Uma aluna destacou:

“Gostei de poder discutir esses temas de forma que não seja só lendo o que está no livro” (Transcrição de feedback informal).

Tabela 1 – Engajamento dos alunos.

Indicador	Aulas antes da intervenção	Intervenção com Rotação por Estações
Alunos que participaram ativamente	30% (12/40)	80% (32/40)
Alunos que completaram as fichas	Não aplicável	85% (34/40)
Tempo médio de atenção contínua	15 minutos	35 minutos

Fonte: A autora. Maio de 2025.

Figura 1: Alunos no debate em grupo durante a rotação por estações



Fonte: A autora. Maio de 2025.

Foram registrados o comportamento das alunas autistas antes e durante a intervenção, como pode ser observado na tabela 2. A presença da auxiliar e a flexibilização das atividades permitiram a inclusão efetiva, alinhando-se às premissas de Diniz (2020) sobre adaptações pedagógicas. A auxiliar pedagógica relatou “Ela se sentiu parte do grupo ajudando a colar as imagens no cartaz” (Transcrição de conversa informal).

Tabela 2 – Inclusão das Alunas com TEA.

Situação	Antes da intervenção	Durante a Intervenção
Interação com colegas	Interação entre elas boa parte do tempo	Participação em grupo com apoio da auxiliar
Resposta a atividades	Desenhos desconectados com o conteúdo	Contribuição nos cartazes (colagem de imagens)
Tempo de atenção	No máximo 10 minutos	No máximo 20 minutos

Fonte: A autora. Maio de 2025.

O período de observação do estágio supervisionado II e a intervenção pedagógica revelou três desafios principais presentes na turma que impactaram sua implementação. O primeiro diz respeito ao tempo insuficiente para realização de todas as atividades, 34% dos grupos (2/6) não conseguiram finalizar os cartazes da forma desejada, conforme evidenciado na Figura 2, que mostra um trabalho incompleto devido à limitação do cronograma. Esse problema foi agravado por imprevistos na organização das estações, o que atrasou o início da intervenção em 10 minutos, comprometendo o ritmo planejado. Além disso, 8 alunos mantiveram comportamentos disruptivos durante as atividades, evidenciando uma dispersão residual que persistiu mesmo com a mudança metodológica.

Figura 2: Alunos na apresentação dos cartazes



Fonte: A autora. Maio de 2025.

Os desafios identificados reforçam a necessidade de ajustes práticos na estrutura da intervenção. Para otimizar o tempo das atividades, deveria ter realizado a intervenção em um tempo de duração de 120 minutos (TUCKER et. al., 2017),

permitindo maior flexibilidade para imprevistos e conclusão das produções. Quanto à dispersão, estratégias como “tempos mortos” com atividades curtas (BENEDITO, 2025), como dinâmicas rápidas de revisão ou perguntas relâmpago, poderiam redirecionar a atenção dos alunos. A dependência de tecnologia também exigiu um plano B, como ter levado os vídeos baixados, não dependendo da conexão com a internet, garantindo assim a continuidade das atividades mesmo com falhas técnicas, essas seriam adaptações essenciais para aprimorar a eficácia de intervenções futuras.

Os resultados dialogam diretamente com os referenciais teóricos que embasaram a pesquisa. As metodologias ativas (BACICH; MORAN, 2018) confirmaram seu potencial ao promover autonomia dos alunos, como evidenciado na fala emblemática de um dos alunos que fez parte do grupo de contra o desmatamento e urbanização da Mata Atlântica: *“Nunca pensei que as queimadas da cana de açúcar próximo às nossas casas, nos afetam tanto e ainda destruíram a mata atlântica para plantar”*. A inclusão (DINIZ, 2020) foi viabilizada por adaptações simples, como o apoio da auxiliar, enquanto a pedagogia crítica (HOOKS, 2017) se materializou nos debates que estimulam a consciência socioambiental. Apesar dos desafios, a intervenção demonstrou que, com planejamento refinado e suporte adequado, é possível transformar práticas pedagógicas em contextos desafiadores.

Conclusão

Esse trabalho permitiu extrair conclusões significativas sobre a aplicação de metodologias ativas em contextos educacionais desafiadores. Em primeiro lugar a efetividade da rotação por estações foi comprovada pelo aumento no engajamento dos alunos, demonstrando que estratégias diversificadas, como vídeos, debates e produções criativas, podem superar a passividade ativamente, corroborando as premissas de Bacich e Moran (2018) sobre o potencial das metodologias ativas para colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem.

Em segundo lugar, a experiência destacou a importância da flexibilização pedagógica para a inclusão. As adaptações implementadas, como o apoio da auxiliar durante a intervenção e o uso de recursos visuais, permitiram que as alunas com TEA participassem efetivamente das atividades, alinhando-se às recomendações de Diniz (2020) sobre as práticas educacionais inclusivas. No entanto, também ficou evidente a necessidade de planejamento mais detalhado, já que limitações de tempo e falhas técnicas impactaram a execução integral da intervenção.

Por fim, a intervenção reforçou o valor do estágio como espaço de experimentação e reflexão crítica. Ao problematizar temas como desmatamento, secas e urbanização, os alunos desenvolveram consciência socioambiental, conforme evidenciado em suas produções e discussões. Como destacado por hooks (2017), a educação crítica transforma realidades, e esta experiência confirmou que mesmo turmas desinteressadas podem se engajar quando os conteúdos dialogam com suas vivências.

Referências

BENDITO, Abel Calisto. Ensino de História e Práticas Pedagógicas:: narrativas de um Estágio em História no Ensino Fundamental. **Cadernos de Estágio**, v. 7, n. 1, 2025.

DINIZ, Yasmin Borges. A importância do estágio de observação para a formação de professores de biologia. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados-MS, v. 9, n. 31, 2020.

MAFUANI, F. Estágio e sua importância para a formação do universitário. **Instituto de Ensino Superior de Bauru (IESB)**. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. In: MORAN, José; BACICH, Lilian (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

TUCKER, Catlin R.; WYCOFF, Tiffany; GREEN, Jason T. **Blended learning in action: A practical guide toward sustainable change**. Corwin Press, 2016.